



**Ayahuasca: plantas e emoções no bailado da floresta – santo daime¹
(uma reflexão eliasiana)**

Delta Paula Melo²
Gláucio Campos Gomes de Matos³

RESUMO

Este artigo trata de plantas medicinais, plantas de poder, especialmente as que dão origem ao chá *ayahuasca*, amplamente difundido no Brasil a partir do início do Séc. XX pelas chamadas religiões *ayahuasqueiras* especialmente o santo daime cujos epistemes é alvo de pesquisas por diversas áreas do conhecimento. Tem como objetivo correlacionar o etnoconhecimento das plantas medicinais e o poder como elemento de organização social.—Trata-se de um trabalho qualitativo, de revisão bibliográfica, alimentado pela pesquisa de campo quando da estruturação da dissertação de mestrado. O suporte teórico está embasado pela teoria eliasiana. Reza a lenda que foi o Imperador Chinês Shen Nung (2737 A.C) quem descobriu os efeitos estimulantes do uso da folha do chá, planta cujo nome é *Camellia sinensis*, pertencente à família *Theaceae*, cabendo à cultura chinesa expandi-la mundialmente. Os japoneses elegeram o chá como elemento educativo, através de cerimônias, ensina postura, refinamento, solidificando diversas relações sociais. Para os Britânicos conhecidos pela pontualidade, o chá das cinco ou “*Five O’clock Tea*”, entrou no cardápio, a partir do Séc. XIX, quando a duquesa de *Bedford*, pedia para servir chá com sanduiches doces e bolos sempre no horário da tarde às 17 horas, tornando um hábito na sociedade inglesa. No Brasil, mudas de *Camellia sinensis* chegaram com os colonizadores, em 1812. O emprego das plantas medicinais, principal ingrediente do chá, está na base tanto da alimentação, como no tratamento terapêutico do corpo, usadas também em rituais religiosos para cura dos males da alma ou para conexão com os espíritos, como é o caso do chá ayahuasca bebida sacralizada pela religião do santo daime.

Palavra chaves: Etnoconhecimento; Plantas; Poder; Ayahuasca; Santo Daime.

Introdução

As questões do etnoconhecimento traduzidos pelos saber popular ora contrapõe, ora complementa o saber científico, na busca de conhecimentos que explique as formas como o individuo se organiza socialmente através das relações de interdependências

¹ Trabalho apresentado no GT 09 – Processos Civilizadores na Pan-Amazônia do III Siscultura.

² Acadêmica do curso de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas – Brasil PPGSCA/UFAM/BR. deltapaulamelo@yahoo.com.br

³ Doutorado em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – FEF/UNICAMP. glaucciocampos@bol.com.br



funcionais. É importante analisar como se entrelaça esses saberes de maneira que se ponha em cheque a dependência do homem em relação à natureza, para a cura dos males do corpo e do espírito. As análises teórico-conceituais centradas nas obras de Norbert Elias: *Processo Civilizador* volume I – uma história dos costumes, (1994), *Sobre os Seres Humanos e Suas Emoções* (2009), *Sociedade dos Indivíduos* (1994) e *Introdução a Sociologia* (1980), bem como outras obras de referências, quanto à especificidade do tema em questão fornecerão pistas e suporte necessário para compreender e concluir sobre a importância da tríade plantas/bailado/emoções (bailado/dança) no processo civilizador dos povos. O domínio dos saberes populares empíricos e científicos adquiridos pelo cultivo e manejo das plantas permitiu a organização social de grupos, comunidades pela construção de relações sociais, independente do caráter medicinal, religioso, social destas, sendo as danças ou bailados figuras sociais imanentes às emoções, enquanto variáveis dependentes do autocontrole aprendido durante o processo civilizador.

Privilegiando a didática ancoramos essa análise em dois pilares: As plantas medicinais como fator de poder e organização social, e o chá *ayahuasca* cujo uso enseja controle das emoções nos trabalhos da religião do santo daime – especialmente o bailado.

Plantas – Saberes antigos (tradicionalis/etnoconhecimento)

O uso de plantas medicinais para curar as dores do corpo e os males da alma, através de infusões, decocções, inseridas em práticas sociais, religiosas, vem desde as sociedades primitivas, sendo um conhecimento milenar, adquirido pelos povos, de modo, empírico, indutivo, repassado de geração para geração.

Segundo Silva (2014) a estudiosa referencia esse conhecimento, como perdido no tempo,

O estudo das propriedades curativas das plantas se perde nas brumas do tempo. Um dos primeiros escritos sobre o tema é o chamado Papiro Ebers, com mais de 3.500 de antiguidade. Denominado assim por seu tradutor, o egiptólogo George Moritz Ebers, foi encontrado na cidade de Luxor. Trata-se do mais importante escrito sobre medicina egípcia,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



no qual se pode identificar cerca de 150 plantas de utilidade pública (REY BUENO 2009, p. 17, apud SILVA, 2014, p. 80).

Ainda segundo a pesquisadora, plantas que curam, remontam à Antiguidade Clássica, cujos conhecimentos emanados por estas se misturavam as crenças, mitos, emolduravam a relação homem/natureza. O primeiro herborista e boticário da humanidade Centauro Quíron, gozavam de prestígio social em razão do conhecimento advindo das plantas que proporcionavam o alívio dos sofrimentos do corpo.

De certo, a historicidade das plantas perpassa pelo Sec. XVI e XVII, colocando no centro do debate entre viajantes, colonizadores e missionários: a mandioca, considerada “o pão dos trópicos”, alimentando todos, do indígena ao europeu, assim diz,

[...] a mandioca guardava ainda dimensões místicas e religiosas, pois de acordo com os missionários e colonos, tais raízes eram desconhecidas entre os índios da América e teria sido o apóstolo de Jesus, Tomé, quem em uma viagem mítica, difundiu o produto dando início a conversão dos Gentios. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 99,100).

Contudo, se por um lado a raiz conduzia os ameríndios ao caminho de Deus, por outro os desencaminhava, pelo estado de embriaguez proporcionado pela ingestão do cauim, cuja matéria prima base é a mandioca (ALBUQUERQUE, 2011).

As plantas tiveram um papel reificado em fenômenos sociais como a religião. As crenças religiosas tornaram-na símbolos sagrados em seus rituais com poderes mágicos, guardadas durante milênios como um precioso segredo dos sacerdotes. O uso de plantas tem registros em rituais cristãos, espíritas, indígenas e africanos. Os escritos sagrados mostram os benefícios do uso destas, “*tomai uma pasta de figos; tomaram-na e a puseram sobre a úlcera, e ele recuperou a saúde* (BIBLIA 1969, 2º Reis, vs 07).

A divulgação de determinadas plantas são um fenômeno específico de nossa era, que se volta para a busca de respostas para doenças e males do espírito, lacunas não preenchidas pela química de laboratório.

As plantas também foram usadas por diversos atores sociais, como benzedores, raizeiros, que produziam além de beberagens em forma de chá e efusões, banhos,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



pomadas, unguentos, que tratavam além das dores físicas, abstrações como inveja, mau-olhado, feitiço.

Segundo Benchimol (2009), o indígena muito contribuiu para ocupação e desenvolvimento da Amazônia por seus diversos conhecimentos sobre a mata, animais e plantas, neste aspecto diz,

dessa herança cultural, destacam-se muitas contribuições [...] plantas e eras medicinais como a ipecacuanha ou poaia, salsaparrilha, copaíba, andiroba, preciosa, quina, curare, capim-santo, carapanaúba, cidreira, cumaru, malva, marupa, mastruz, quebra-pedra, vassourinha, verônica, entre centenas de outras plantas, ervas, raízes, frutos, cascas, folhas,... alucinógenos como ipadu, coca, ayahuasca, iagê, caapi; estimulantes e afrodisíacos como guaraná, muirapuama catuaba, xexuá; e plantas tóxicas e venenosas como buiuçu, cipó amargoso, timbó, dentre outros. (BENCHIMOL, 2009, p. 27-28).

Por conseguinte a expropriação de bens e riquezas naturais da PanAmazônia, por parte do colonizador europeu, se deu também pela formação de um cabedal de conhecimentos a cerca das plantas medicinais amazônicas, infelizmente, coube aos indígenas, caboclos, autóctones da região revelarem os segredos das plantas, marcando nossa historia por quem aqui chegou e não pela história de quem aqui estava (MATOS, 2015).

Desta feita, entre os povos indígenas, as práticas de cura com uso ritualístico das plantas, estão atreladas a diversos rituais como o xamanismo, este último conduzido pelo xamã, ou pajé, um líder espiritual, médico, sacerdote e curandeiro da tribo, cujo conhecimento da floresta e das plantas é fundamental para a realização de curas, uma espécie de mediador entre o mundo material e espiritual. As plantas entorpecentes levavam o feiticeiro a sonhar com os espíritos, que revelavam a planta correta e o modo de preparo para curar o mau que afligia a aldeia MacRae (1992) diz que o xamã recebe poderes dos espíritos, os quais conhecem profundamente a floresta e a mata.

o xamã recebe seus poderes a partir de contatos com espíritos [...] a ingestão de preparados feitos com a casca de certas arvores e tabaco o colocam em contato com o mundo espiritual, deve obedecer as instruções dos espíritos e prestar atenção aos cantos e melodias que



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Ihe são sussurrados para aprender os seus seguedos. (MACRAE 1992, p. 28).

O etnoconhecimento apreendido pelo sujeito cognoscente em relação às plantas medicinais, e os chamados remédios caseiros produzidos a partir destas é popular, posto que nasce da experiência do dia a dia, da receita passada de geração a geração, hoje substituído em larga escala pelo químico/científico. A química orgânica a partir do Séc. XIX conseguiu através de métodos apropriados (experimentos/observação/técnicas), descobrir ação terapêutica de determinado vegetal, isolando o princípio ativo chamado de fármaco em cuja base é elaborado diversos medicamentos, produzidos pela indústria farmacêutica.

Certamente os remédios caseiros advindos do conhecimento dos antigos perdeu espaço para os tarjados da prateleira, nesse aspecto, corrobora (Matos 2015),

os remédios caseiros provindos do conhecimento – etnoconhecimento – de ervas da floresta cederam espaço aos remédios de laboratório. A composição de remédios caseiros são informações aprendidas nas tentativas, das experiências do dia a dia; são informações outras proporcionadas pelos grupos étnicos e que, gradativamente, perderam sua posição, mas não quer dizer que não foram usadas [...] a medida em que os antigos deixam a terra e as novas gerações não se preocupam com esses conhecimentos, os medicamentos alopáticos substituem o etnoconhecimento praticado na região e os povos passam cada vez mais a depender do sistema de saúde. (MATOS 2015, p. 82, 83).

Por outro lado à formação de hortas comunitárias a base de plantas medicinais constroem uma organização social, quando envolve diversos atores sociais em práticas coletivas de aprendizagem sobre o cultivo, manejo (receita) e aplicação das plantas medicinais, em favor da saúde dos comunitários, fornecendo a base para consolidar relações sociais, segundo estudos sobre horta de plantas medicinais em comunidade, assim diz Rodrigues (2015),

o cultivo e a produção das plantas medicinais são realizados pelos grupos domésticos e de modo artesanal. As atividades são desenvolvidas de modo coletivo, todos os membros dos grupos

domésticos e da comunidade se envolvem nas atividades, sendo que cada um dos membros assume um papel diferenciado [...]. As modalidades de organizações sociais desta comunidade, em sua singularidade, criam mecanismos e práticas que objetivam a construção de alternativas e soluções para atender as necessidades básicas, a partir do uso e manejo dos recursos naturais disponíveis na comunidade. (RODRIGUES, 2015 p. 151)

As atividades coletivas de cultivo, manejo das plantas medicinais em benefício da comunidade, trazem as reflexões de Norbert Elias (1980) quando se referiu ao estágio de desenvolvimento da sociedade pelo que denominou de tríade dos controles básicos, a saber: controle da natureza, controles sociais e autocontrole.

Neste caso, a natureza é controlada pelo homem quando através de técnicas de cultivo e manejo produz remédios caseiros ou químicos o controle social (equilíbrio) presente nas relações sociais, é promovido pela divisão social e coletiva do trabalho, formando relações de compadrio e solidariedade em prol dos comunitários, e o autocontrole pelas funções que cada ser social desempenha no trabalho coletivo, numa prática de *ajuri*⁴ sob esse aspecto Matos (2015) corrobora,

trabalhar na manhã não significa enrolar o tempo para ludibriar o outro, representa ajustes corporais – ritmo, técnica no manuseio da ferramenta e posição do corpo [...] a prudência é o resultado desse conhecimento, que não menos se expressa pelo humor entre os homens diante do devir. (MATOS, 2015, p. 207)

De certo, a organização social da comunidade em torno do trabalho de cultivo e manejo das plantas medicinais para curar doenças, é análoga a necessidade básica da água, um marco primitivo no processo de organização social, ou melhor, civilizador. Por conseguinte a manutenção da saúde através da prevenção de doenças ou da cura delas no âmbito do trabalho comunitário da horta/farmácia nos faz refletir também que cada indivíduo está em uma rede de interdependência funcional com o outro ou outros.

Por outro lado, não se pode olvidar que o poder é imanente àquele que conhecer o manejo das plantas, quer seja para produzir remédios, rezar ou simplesmente fazer um

⁴ O termo *Ajuri* do vernáculo amazônico significa – eu vim ajudar – *AIURI* – ajuda mútua, *mutirão*, *puxirum*. (MELLO, 1983, p.22)



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



chá. Das rezadeiras/benzedadeiras que usam a folha de arruda para proteger contra a inveja e o mau-olhado, aos fármacos receitados pela medicina oficial, para prevenir ou curar doenças.

O poder, conforme Elias (1994) está presente em todas as figurações e se mostra conforme as relações se estabelecem. A rezadeira/benzedeira tem poder de proteger segundo a fé de quem procura seus serviços ou dons, o médico o poder de diagnosticar/prevenir/curar ou matar se prescrever o fármaco certo/errado.

Segundo Elias (1980), trata-se de relações de interdependências funcionais que por sua vez estabelecem figurações, onde se insere o poder. Segundo Matos (2015), “*o cotidiano das relações humanas, os indivíduos vão se inserindo em figurações que evidenciam suas condicionantes, suas regras, suas necessidades, sua subjetividade e razão*” (MATOS 2015, p. 100), posto que conforme Elias (1980) a dependência maior de outros, nos coloca numa posição de submissão na relação, assim diz,

dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Na medida em que somos mais dependentes dos outros do que eles são de nós, estes têm poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela utilização que fizeram da força bruta, ou pela necessidade de dinheiro, de cura, (ELIAS, 1980, p. 101).

As plantas além de medicinais, são caracterizadas por estudiosos MacRae, (1992) Froes (1986), Monteiro (2006), dentre outros como plantas de poder, mestras, professoras, mágicas, segundo Monteiro,

a natureza das plantas de poder é essencialmente transformadora, agindo de forma tríplice. Assim é no plano material, imaterial, astral, etéreo – fluido invisível; ensinando a regeneração do ser humano no plano espiritual fortalecendo a vontade, e enobrecendo todas as faculdades anímicas. (MONTEIRO, 2006, p. 39).

Com efeito, as plantas de poder, inseridas no ritual do santo daime, segundo a doutrina destes é mediadora entre o mundo material e espiritual, segundo MacRae (1992), saber usa-las, enseja conhecimento espiritual da doutrina, (santo daime), controle emocional e preparo físico.

Chá ayahuasca - emoções na religião da floresta.

Extraído das plantas *Banisteriopsis caapi* (cipó) e *Psychotria viridies* (folha), *ayahuasca* é uma bebida (figura 01) de origem indígena, do ponto de vista farmacológico, se encontra dois alcaloides: a harmalina e a tetra-hidro harmina e na folha o mais importante elemento, responsável pelas visões e estados alterados da consciência, o princípio ativo DMT, dimetiltriptamina Luna (1986).

Ayahuasca é um termo procedente da cultura incaica, *aya* significa cipó e *huasca* morto, havendo vários significados para o termo, como cipó dos mortos, vinho das almas, liana, dentre outros.

Figura 01 – chá ayahuasca



Fonte: Acervo Creative commons – cc by 3.0/2018

O uso do chá *ayahuasca* em rituais religiosos teve início no Séc. XX, em plena Floresta Amazônica pelo nordestino Raimundo Irineu Serra, fundador da religião do santo daime, o qual rebatizou as plantas de jagube (Figura 02) e folha rainha, (Figura 03), construindo um ritual cujo sacramento é o chá *ayahuasca*, ou chá do santo daime, o qual depois de ingerido provoca estados alterados na consciência, visões ou mirações. (GROISMAN, 1999).

Figura 02. *Banisteriopsis Caapi* – cipó jagube



Fonte: Acervo de Francisco Antônio, 2010.

Figura 03. *Psychotria viridis* – folha rainha



Fonte: Acervo de Francisco Antônio, 2010.

O chá *ayahuasca* é produzido em ritual chamado pelos Daimistas de feitio, sobre a forma como é preparado diz Albuquerque (2007),

a preparação ocorre dentro de um contexto ritual no qual todas as etapas do processo são repletas de significados espirituais: mulheres cuidam das folhas e homens do cipó, [...] o 1º dia é dedicado á colheita do material, o 2º dia é dedicado ao seu trato e no 3º dia as atividades iniciam às 03 horas da madrugada com bateção do jagube (cipó) pelos homens, ao amanhecer a fornalha é acessa e as panelas são preparadas da seguinte forma: uma camada de jagube e outra de folha, perfazendo sete camadas. (MORTIMER 2000 apud ALBUQUERQUE 2007 p 83,84)

Algumas singularidades estão presentes do ritual do santo daime, segundo Albuquerque (2007), dentre os trabalhos oficiais (espécie de cultos) destaca-se os bailados instituído em 1935 por Raimundo Irineu Serra, são ocasiões especiais festivas da igreja (dias de santos, nascimento Mestre Irineu, etc.). Em passos sincronizados sob o ritmo de marcha, valsa e mazurca, e entoar dos hinos por sua vez acompanhados por instrumentos musicais (atabaque, maracás, violões), os Daimistas realizam uma espécie de performance ou baile, nessa ocasião o uso da farda oficial (figura 04) é obrigatório.

Figura 04. Farda oficial – Bailado Santo Daime



Fonte: Acervo de Assis Glauber, 2015.

A dança é uma das mais antigas formas de expressão da humanidade, encontrada em todas as civilizações, povos, religiões, celebra a vida e a morte, materializa através do corpo sentimentos de tristeza, dor, alegria, encantamento, em tempos primitivos, o homem dançou em volta da fogueira para agradecer aos deuses pela colheita, chuva ou livrar dos males da vida.

A história da dança entrelaça-se com as origens das religiões, dos reinados, tem sua evolução atrelada ao Processo Civilizador, consolidado nas diversas sociedades. Norbert Elias (1994), ao analisar a Sociedade de Corte nos Séc. XV e XVI assinalou que o comportamento social expresso através da recém-nascida etiqueta era parte integrante dos cerimoniais do rei.

[...] a dança (bailados) promove a integração social entre as pessoas, já que entre elas existe uma relação de interdependência funcional, Elias, explica essa teia complexa que liga as pessoas. Não se compreende uma melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais [...] como símbolo de sociedade, um grupo de bailarinos que execute uma dança de salão, como a *française* ou a quadrilha, ou uma dança de roda no interior. Os passos e mesura, os gestos e movimentos feitos por cada bailarino são inteiramente combinados e sincronizados com os demais bailarinos. Se quaisquer dos indivíduos que dançam fossem considerados isoladamente, as funções de seus movimentos, não poderiam ser entendidos. A maneira como cada bailarino se comporta nessa situação é determinada pelas relações dos bailarinos entre si (ELIAS, 1994, p.47).

Assim, o controle das emoções é necessário durante os bailados no ritual do santo daime, não só pela duração destes (06 a 08 horas) com intervalo de 01h30min, mais principalmente pelos efeitos colaterais que podem ocorrer após a ingestão do chá ayahuasca tais como diarreia, náuseas e vômitos, os quais no complexo simbólico da religião do santo daime são chamados de “péia” ou surra do daime, sobre o significado diz o estudioso,

é preciso respeitar as regras do ritual para tomar o daime (chá ayahuasca), isto significa que quando não se está preparado espiritualmente, a pessoa está vulnerável e pode ingressar num complexo de dificuldades no ritual ou na vida, esta situação é chamada de péia, identidades no ritual com a dificuldades enfrentadas, como o vomito e a diarreia ou a dificuldade de controlar certos aspectos da experiência como o bailado e cantar dos hinos. O vômito e a diarreia são na cultura daimista, a limpeza corporal e espiritual ou a expulsão dos maus fluidos que a pessoa acumula e que o daime vai buscar e eliminar. A péia é um processo em que predominam sensações de caos ou desequilíbrio. (GROISMAN, 1999, p. 98,99)

De certo, independente do tipo da dança, da performance, se em teatro, igreja, salão de festas, o corpo se movimenta, exterioriza sentimento, expressam a fé, mas sofre as consequências físicas, suportadas a partir de uma aprendizagem moldada pelo processo civilizador, que interiorizou os mecanismos de autocontrole, corrobora nessa visão Elias, (1994), “o processo de civilização consiste, antes de nada, na interiorização individual das proibições que fortalecem os mecanismos de controle exercidas sobre



pulsões e emoções e que passar do condicionamento social ao autoconhecimento”.
(ELIAS, 1994, 121-168).

Segundo Elias (2009), o controle das emoções apresenta três aspectos que compõem as emoções humanas ambos aprendidos pelo processo civilizador “*componente comportamental*”, regras de conduta e etiqueta, “*componente fisiológico*” o ser humano a medida que evolui consegue controlar suas vontades fisiológicas, usando espaços apropriados para isso e *componente sentimental/afetivo*, que expressa medo, dor, desconfortos. Ambos, presentes indubitavelmente no ritual do chá ayahuasca validando os ensinamentos eliasianos.

Assim, saber controlar as emoções significa regular a si próprio conforme padrões sociais determinados pelo processo civilizador posto que a sociedade moderna rejeite os arroubos públicos, as manifestações violentas. A sabedoria popular repreende esses comportamentos, diz alguns adágios, “homem que é homem não chora”, “quando a cabeça não pensa, o corpo padece”. Fora a subjetividade latente do senso comum, a sabedoria popular aduz que as emoções fazem parte da vida, cabe ao indivíduo controlar a fronteira tênue que separa o controle/ descontrole emocional.

Considerações finais

A transmissão do etnoconhecimento esta ligada as práticas sociais/culturais/religiosas dos povos, através dos tempos, no qual o ser social aprende, modifica e repassa, perpetuando tais conhecimentos. Plantas medicinais, de poder, professoras ou mestras, quais sejam suas designações, sempre tiveram uma relação dual com o homem, ora libertando de suas dores corporais, espirituais, ora tornando seu dependente, a exemplo de algumas drogas produzidas a partir destas, como a *cannabis* sativa, (conhecida popularmente como maconha) cogumelos, peiote, dentre outras, as quais interferem no sistema nervoso provocando alucinações levando a dependência.

No caso específico das plantas *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridies* que dão origem ao chá ayahuasca é campo de debate entre a ciência que o sentencia como alucinógeno, (Albertani/2018) e a fé dos adeptos da religião do santo daime que o



tratam como *enteógeno* (MacRae, 1992), que significa “deus dentro”, analise que foge ao escopo desse estudo, e nem caberia nestas páginas.

Em suma, o etnoconhecimento sobre plantas pode ser base para construção da organização social, estabelecendo diversas relações de afeto ou de conflito entre diversos atores. Da reza que afasta o mau-olhado, as folhas que se transformam em emplastos, pomadas, unguentos, que curam os males do corpo, ou as que se metamorfoseiam em forma de chá promovendo a comunhão de todos em um ritual bailado madrugada adentro, despertando no ser social o lado, místico, religioso que procura além da cura dos males do corpo, explicações sobre os males do espírito, dando sentido a vida.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Epistemologia – saberes da ayahuasca**. Belém-Pa. Uepa. 2011

_____, Albuquerque, Maria Betânia Barbosa. **ABC do santo daime**. Belém-Pa. Eduepa 2007

ALBERTANI, Helena. **Drogas por quê?** Fundação Milton Campos. Disponível em: <https://www.miltoncampos.org.br>. Acesso em 08 de Nov. 2018

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia Formação Social Cultural**. Manaus. Ed. Valer 2009

BIBLIA, Sagrada. **Antigo e novo testamento**. Tradução João Ferreira de Almeida. Brasília- DF Sociedade Bíblica do Brasil. 1969

FROES, Vera. **História do povo Juramidán – a cultura do santo daime**. Manaus. Suframa. 1986

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da floresta**. Florianópolis. Ed. UFSC. 1999

LUNA, Luis Eduardo. **Vegetalismo: shamanism Among the mestizo population of the Peruvian Amazon**. Estocolmo; Almqvist & Wiksell International, 1986

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua – xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do santo daime**. São Paulo. Brasiliense, 1992.

MATOS, Gláucio Campos de Matos. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus. Ed. Valer 2015



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



MELLO, A. T. S. de. **Vocábulo etimológico tupi do folclore amazônico**. Manaus, Suframa, 1983

MONTEIRO, Ana Vitória Vieira. **Xamanismo a arte do êxtase**. São Paulo. eBooksBrasil.2006

MORTIMER, Lúcio. **Bença Padrinho**. São Paulo. Edição Céu de Maria. 2000

NORBERT, Elias. **Introdução à sociologia**. Lisboa. Edições 70. Lisboa 1980

_____, Norbert. Elias. **Sobre os seres humanos e suas emoções**. PB. Ed. UFPB 2009

_____, Norbert. Elias. **Processo civilizador vl 1**. Ed. Zahar. RJ 1994

_____, Norbert. Elias. **A Sociedade dos indivíduos**. Ed Zahar. Rio de Janeiro 1994.

REY BUENO, Mar. **História das ervas mágicas e medicinais: plantas alucinógenas, fungos psicoativos, ervas**. Tradução de Flávia Busato Delgado. São Paulo. Madras, 2009

RODRIGUES, Débora Cristina Bandeira. **Conhecimentos tradicionais e mecanismo de proteção**. Estudo de caso nas comunidades de Ebenézer e Mucajá em Maués – AM. Manaus. Edua. 2015

SILVA. Cilma Laurinda Freitas e. artigo. **Uso terapêutico e religioso das ervas**. Caminhos, vl. 12 nr.1 p.79-92 jan/jun 2014 Goiânia. In revista de ciências da religião. Disponível em: seer.pucgoias.edu.br. acesso em 07 nov.2018.